

## O ESPÓLIO DE CINDERELA EM URBANO TAVARES RODRIGUES

Sandra Helena Terciotti (FECAP)<sup>1</sup>

### RESUMO:

Neste artigo, analisaremos o comportamento das protagonistas de *Bastardos do sol* e *Nunca diremos quem sois*, das co-protagonistas de *Exílio perturbado* e *Desta água beberei* e das personagens femininas secundárias mais relevantes desses últimos três romances do escritor português Urbano Tavares Rodrigues, procurando verificar em que medida o conjunto das atitudes e reações dessas figuras femininas em relação às masculinas guarda semelhanças com o comportamento de uma importante personagem arquetípica da literatura ocidental: Cinderela. A análise do comportamento das demais figuras femininas que integram as quatro obras em estudo de Urbano virão à tona somente quando e se necessário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinderela, Urbano, Perrault, mulher, homem.

O comportamento das figuras femininas de quatro romances do escritor português Urbano Tavares Rodrigues - *Bastardos do sol* (1959), *Exílio perturbado* (1969), *Desta água beberei* (1986), *Nunca diremos quem sois* (2002) - em relação a seus amantes nos autoriza a aproximá-las de um importante mito literário ocidental, surgido no século XVII: Cinderela ou Gata Borralheira, como também é conhecida.

Originalmente intitulado por Charles Perrault (1628-1703) de *Cendrillon ou la petite pantoufle de vair*, “Cinderela” era um dos doze contos de fada que integrava *Les contes de ma Mère l’Oye* (*Contos de Mamã Ganso*), publicados pela primeira vez em 1697, entre os quais também se encontravam “Chapeuzinho Vermelho” e “A Bela Adormecida”.

Como há muitas Cinderelas (já foram documentadas mais de 700 novas versões de Cinderela, afora as que continuam surgindo) e seria impossível apontar as semelhanças existentes entre todas elas e as personagens femininas de que trataremos neste artigo, escolheremos como modelo o conto de Perrault, já que, desde a exibição da versão cinematográfica em longa-metragem de Walt Disney, essa é a variante com a qual nossa sociedade está mais familiarizada.

Sabemos que os contos de fada funcionam “como metáforas para nossos desejos mais ardentes e esperanças mais profundas” (CASHDAN, 2000, p. 35). Não é, portanto, sem razão que, desde a publicação da versão escrita por Perrault, a história da jovem que foi salva pelo casamento com um belo e rico príncipe dos maus-tratos e humilhações da madastra e das duas meias-irmãs, a julgar pelo comportamento das personagens femininas de Urbano Tavares Rodrigues ora analisadas, parece ter-se incorporado definitivamente ao imaginário feminino no que tange às expectativas afetivas da mulher em relação ao homem.

Todas as figuras femininas analisadas neste artigo (Irisalva, de *Bastardos do sol*; Laure/Renée/Madeleine, de *Exílio perturbado*; Etelvina/Carla, de *Desta água beberei*; Liriana/Carla Patrícia, de *Nunca diremos quem sois*), a despeito de sua maior ou menor independência profissional, anseiam pelo trinômio constitutivo do ideal do amor dos contos infantis cujos termos são, a saber: a estabilidade, a reciprocidade e a exclusividade que o príncipe do conto de Perrault devota à Cinderela.

Considerando que a tradição cristã está totalmente integrada em nossa cultura, podemos relacionar o desejo de exclusividade, “primeira nota característica do amor” (PAZ, 1994, p. 106),

---

<sup>1</sup> Profª em tempo integral dos cursos de Adm. de Empresas e Ciências Contábeis do Centro Universitário FECAP; e-mail: sandrahelena@fecap.br

não só ao universo narrativo dos contos de fada (os quais estão igualmente permeados dos dogmas do cristianismo), mas também ao apego de nossa cultura ocidental cristã ao sétimo e ao décimo mandamentos bíblicos das leis de Deus, presentes no *Êxodo* 20:14-17: “Não cometerás adultério” e “Não cobiçarás a casa do teu próximo; não desejarás a sua mulher (...)” (Bíblia Sagrada, 1975, p. 98). Por isso, para a sociedade à qual pertencemos, “a fidelidade é uma das condições da relação amorosa” (PAZ, 1994, p. 46).

Nos romances em estudo, a valorização feminina desse desejo salta aos olhos, já que a exclusividade é um importante estímulo para a confiança. Irisalva, Laure, Etelvina e Liriana vivem a infidelidade de seus amantes com muito sofrimento e dor porque, para elas, muito mais do que para eles, a exclusividade sexual “é percebida como uma necessidade amorosa”, como “uma disposição natural de pessoas que se amam e que exigem direitos iguais no domínio da sexualidade” (GOLDENBERG, 1991, p. 47).

É fato que o amor individual e interpessoal nos faz querer “unicamente uma pessoa” e pedir “a ela que nos queira com o mesmo afeto exclusivo”. E “a exclusividade requer a reciprocidade, o acordo do outro, sua vontade” (PAZ, 1994, pp. 106-107), pois o amor pressupõe “igualdade na doação e no recebimento emocionais” (GIDDENS, 1993, p. 73). Daí a preocupação da mulher com a reciprocidade amorosa, evidente no comportamento das personagens analisadas neste artigo.

Também podemos relacionar essa necessidade de reciprocidade amorosa à supervalorização feminina do amor, que, no dizer de Maria Rita Kehl, constitui a “volúpia feminina por excelência” (1996, p. 264). Os correlatos dessa sobrevalorização são os seguintes: primeiro, a dificuldade de viver “o déficit de sentimentalidade”, já que no relacionamento amoroso “as mulheres são mais sensíveis que os homens às palavras e às demonstrações de amor, exprimem mais que eles a necessidade de amor, suas decepções e frustrações geradas pelos hábitos da vida cotidiana”; segundo, a propensão para freqüentemente censurar os homens por sua inibição afetiva, “por se protegerem, fugirem, não se darem plenamente” como elas se dão, patente tanto nas críticas de Renée e Laure ao comportamento esquivo de Manuel quanto nas de Etelvina e Liriana aos respectivos amantes que se furtam de investir a fundo na ligação afetiva quando se recusam a viver com elas como marido e mulher, embora não obrigatoriamente casados. Essas críticas confirmam o fato de que, “por mais forte que a cultura igualitária tenha se tornado, não conseguiu tornar similares as exigências amorosas dos dois sexos” (LIPOVETSKY, 2000, p. 32). Ademais, como os homens, ao contrário das mulheres, não foram “socializados no romanesco”, ou seja, “em uma cultura que confere um lugar privilegiado ao sentimento e ao relacional” (LIPOVETSKY, 2000, p. 34), não sentem necessidade de teatralizar o sentimento amoroso, enquanto elas tendem a dar-lhe feição teatral (como prova a atitude “incorrigivelmente teatral” de Laure quando é beijada por Manuel pela primeira vez) e têm mais dificuldade de se acomodarem às relações rotineiras, como revela o medo demonstrado por Irisalva e Etelvina de que o hábito destrua progressivamente o amor de Delfino por aquela e o desta por João.

A valorização da estabilidade amorosa no aspecto moral e/ou material não é menos evidente nas obras em estudo. A necessidade que tem a mulher de que o relacionamento lhe proporcione segurança remonta também ao amor romântico que, marcando presença desde o final do século XVIII, “pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro” (GIDDENS, 1993, p. 10). Para ela, é importante receber de seu parceiro, “por palavras e atos, algum tipo de garantia (...) de que o relacionamento pode ser mantido por um período indefinido” (GIDDENS, 1993, p. 152). Não é à toa que, quando se reencontra com Manuel em Paris, Renée afirma-lhe que estava noiva de um colega “estável” e “firme nos seus sentimentos”, acusa o ex-amante de não ter “contornos seguros”, de não ter “ontem nem amanhã”, de recusar-se “à família, à sociedade, a todas as sujeições, a todas as alianças firmes e duradouras” e confessa-lhe que fora justamente isso que a fez desprender-se dele e que, naquele momento, precisava “de

conforto – moral e material”. E com Etelvina ocorre praticamente o mesmo: ao reencontrar João Herculano, diz-lhe com firmeza que se cansara de esperar por alguém que ainda tinha “sete caminhos na frente” e que se estava relacionando com um homem de ação, descomplicado, inteligente, bom, confiante, que acreditava nas próprias palavras e, especialmente, no futuro.

Diferentemente de Renée e Etelvina, Liriana não chega a trocar Artur por Luís Escobar, mas, um dia, depois de dizer ao escritor que seu amor pelo namorado a impedia de ir-se embora com ele, acorda pensando em que talvez fosse melhor escolher quem pudesse ampará-la e salvá-la das dificuldades da vida (“procura quem te quer bem de verdade, quem seja capaz de te amparar, de te salvar dos escolhos” (*Ndqs*<sup>2</sup>, p. 193)), em vez de permanecer ao lado de alguém que se mostrasse “apenas um homem de prazer” que rejeitava a dor, a angústia e as preocupações por ser “incapaz de encarar de frente a vida” (*Ndqs*, p. 205).

Nesse contexto, os verbos “amparar” e “salvar”, presentes no pensamento de Liriana, além de pertencerem ao mesmo campo semântico, correspondem ao principal anseio de Cinderela: a salvação dos escolhos da vida pelo casamento com o mais notável dos homens. Isso significa que “a imagem da ‘mulher-Cinderela’ esperando a realização de si com a chegada de um homem extraordinário” (LIPOVETSKY, 2000, p. 22), permanece viva no imaginário feminino, mesmo depois do feminismo dos anos 60; do fim do tabu da virgindade (ainda muito vivo nos romances de 1959 e 1962); do surgimento da pílula anticoncepcional; da libertação da sexualidade das peias morais e conjugais (refletida menos nas obra de 1962 e mais nas de 1979 e 2002); da legalização do aborto; da inclusão da mulher no sistema produtivo e do conseqüente reconhecimento da atividade profissional feminina que possibilita à mulher conquistar sua independência pessoal e econômica (ausente na narrativa de 1959, mas retratada nas de 1962, 1979 e 2002).

A coexistência de aspirações aparentemente tão paradoxais, como a procura da mulher-Cinderela pelo homem-príncipe e a preservação das conquistas sociais promovidas pela revolução sexual feminina, deve-se ao fato de que “as mudanças sociais são rápidas e ‘visíveis’, não sendo acompanhadas no mesmo ritmo e intensidade pelas subjetividades individuais, que incorporam ideais *modernos* sem eliminar os *arcaicos* que permanecem ‘invisíveis’ dentro dos sujeitos”. Ou seja, essa convivência só é possível porque, como afirma Mirian Goldenberg, o “ideal *arcaico*, (...) permanece ativo e poderoso num plano mais inconsciente”, enquanto o “ideal *moderno*, no plano mais consciente” (1991, p. 95). A permanência do ideal arcaico e romântico da mulher-Cinderela explica, pois, por que a distância temporal existente entre a data de publicação das primeiras edições dos quatro romances em estudo - sobretudo o intervalo de quarenta e três anos que separa a primeira edição de *Bastardos do sol* (1959) da de *Nunca diremos quem sois* (2002) – longe de anular a busca da “mulher-Cinderela” pelo príncipe encantado, parece tê-la intensificado, já que “os sonhos do homem carinhoso e rico se tornaram no século XX uma evasão e um consumo feminino de massa”, generalizando “uma ideologia que identifica felicidade feminina e realização amorosa.” (LIPOVETSKY, 2000, pp. 26-27)

Podemos relacionar a incessante procura da “mulher-Cinderela” pelo príncipe encantado a fatores sócio-culturais e psicológicos. Sabemos que, desde os tempos remotos, as coletividades humanas fundam-se em dois princípios universais: o da “divisão social dos papéis atribuídos ao homem e à mulher” e o da “dominação social do masculino sobre o feminino” (LIPOVETSKY, 2000, p. 232). Na tradição judaico-cristã – que corresponde a uma das bases da civilização ocidental – também os encontramos: no *Gênesis* 3: 16, o Senhor Deus inflige à mulher o castigo eterno de estar sob o jugo do marido e de ser dominada por ele, em conseqüência de ter cometido o pecado original que foi transmitido a todos os seus descendentes, os quais desde então já nascem

---

<sup>2</sup> Os romances dos quais são extraídas as passagens citadas no texto encontram-se indicados nas Referências Bibliográficas e serão referidos nas notas de rodapé por meio da abreviatura do título de cada obra, a saber: **Bastardos do sol** (*Bs*), **Exílio perturbado** (*Ep*), **Desta água beberei** (*Dab*), **Nunca diremos quem sois** (*Ndqs*).

em estado de culpa: “Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido, e ele te dominará” (Bíblia Sagrada, 1975, p. 22). Ao tratar das escrituras patriarcais que falam do feminino, Leonardo Boff afirma que o mito adâmico, presente nesse primeiro livro do Pentateuco, queria, na verdade, etilogicamente mostrar que o mal estava do lado da humanidade e não do de Deus, mas o modo como os relatos da criação de Eva e do pecado original foram articulados, e “que penetrou no imaginário coletivo da humanidade de forma devastadora”, levou à compreensão da “mulher como sexo fraco, por isso ela caiu e seduziu o homem. Daí a razão do seu submetimento histórico, agora ideologicamente justificado” (MURARO; BOFF, 2002, p. 94) pelo *Gênesis*, o qual, segundo esse autor, remonta ao ano 1000 ou 900 a.C. Até os anos 60 do século passado, “a mulher era subordinada ao homem, pensada por ele, definida em relação a ele: não era além do que o homem queria que fosse.” (LIPOVETSKY, 2002, p. 236). Ou seja, até o feminismo dos anos 60-70, “a existência feminina sempre se ordenou em função de caminhos social e ‘naturalmente’ pré-traçados: casar, ter filhos, exercer as tarefas subalternas definidas pela comunidade social.” (LIPOVETSKY, 2002, p. 237). Apesar dessa lógica de dependência do feminino em relação ao masculino ter-se eclipsado nas democracias ocidentais sob os nossos olhos, já que, a partir da década de 60, a mulher adquiriu o poder de governar a si mesma sem caminho social pré-determinado, o comportamento das figuras femininas analisadas neste artigo demonstra que, ao desejarem, como Liriana - paradoxalmente, a mais contemporânea de todas as heroínas -, a salvação das dificuldades da vida por uma espécie de príncipe encantado, elas parecem continuar presas ao “princípio da autoridade e da superioridade masculina” (LIPOVETSKY, 2002, p.233) - o qual, durante milênios, determinou a “hierarquia social dos sexos” (LIPOVETSKY, 2002, p.235) e justificou a “exaltação da superioridade viril”, a “exclusão das mulheres das esferas prestigiosas” e a “inferiorização do feminino” (LIPOVETSKY, 2002, p.232) – e, conseqüentemente, dependentes do homem idealizado. Ao pensar que deveria escolher quem fosse capaz de ampará-la e salvá-la “dos escolhos”, Liriana denota que reconhece no homem um ser superior que a pode conduzir com segurança pelos difíceis caminhos da vida, assumindo por ela os riscos da existência. Esse reconhecimento torna-se patente tanto no emprego dos verbos “amparar” e “salvar” quanto no uso do substantivo “escolhos” o qual, segundo o *Aurélio*, assume as acepções de “dificuldade, obstáculo; perigo, risco”.

Quanto ao aspecto psicológico, não há como negar que, subjacente ao anseio de estabilidade, enunciado por Renée, Etelvina e, especialmente, Liriana, repousa o desejo inconsciente de escapar à ansiedade, à tensão e ao conflito produzidos pela necessidade de obter pelo trabalho meios de subsistência, de assumir a responsabilidade integral por seu próprio bem-estar material, desejo esse que, paradoxalmente, coexiste com a exigência igualmente presente e premente de auto-suficiência e independência: “Vai continuar a trabalhar, seja qual for a posição de Artur nas empresas de Mayer-Ferreira” (*Ndqs*, p. 213). O desejo feminino, declarado por Liriana, de ser salva da ansiedade provocada pelas responsabilidades do viver tem suas raízes na forma como, durante séculos, as mulheres foram educadas para serem dependentes do homem (incluídas aí as figuras do pai, do irmão e do marido) no mundo ocidental cristão. Como já falamos, até o advento da revolução sexual feminina dos anos 60-70, as mulheres - ao contrário dos homens, permanentemente treinados para assumir e enfrentar a liberdade e o risco - foram educadas para a dependência, o encerramento doméstico e a impossibilidade de se lançarem em projetos superiores. Tanto isso é exato que “até o século XIX, aprender a ler, normalmente, só era permitido aos homens” (MURARO; BOFF, 2002, p. 189). Além de educadas para atuar nas esferas de ação privadas, foram ensinadas a crer que, mais dia menos dia, seriam retiradas da casa onde viviam com o pai e os irmãos - os quais até então as tinham protegido - por outro homem que, na condição de marido protetor e provedor, perpetuaria a proteção paterna e/ou fraterna. Aliadas da liberdade e do risco em proveito da dependência e da segurança, durante muito tempo as mulheres foram

encorajadas a permanecer, *seguras e protegidas*, sob a tutela de uma figura masculina que as defendesse dos perigos da vida, em vez de serem preparadas para a autoconfiança, a independência e a idéia de se sustentarem por si mesmas. Em vista disso, por mais emancipadas que se tenham tornado nas últimas décadas, ainda se acham muito identificadas ao trinômio passividade-infantilidade-maternidade, que durante milênios determinou a identidade feminina, e não conseguiram se despegar completamente do desejo de salvação e da necessidade de se apoiar em um príncipe salvador que as ame e proteja da sensação de receio e apreensão produzida pelo estar no mundo, como nos revela o pensamento de Liriana.

Além de aspirarem tanto ao ideal do amor exclusivo, partilhado e estável quanto ao do príncipe encantado dos contos infantis, as personagens femininas, analisadas neste artigo, atribuem ao sentimento amoroso mais significação e importância do que seus amantes, confirmando o fato de que, desde a era clássica, quando a expressão do sentimento passou a ser “considerada coisa mais adequada ao feminino que ao masculino” - já que os homens eram “obrigados, em suas revelações íntimas, a mais reserva, mais moderação, mais controle que as mulheres” (LIPOVETSKY, 2000, p. 23) -, o amor “continua a ser uma peça constitutiva da identidade feminina” (LIPOVETSKY, 2000, p. 32). Por isso, embora os sonhos da maioria dessas personagens (Renée/Laure/Madeleine, Etelvina/Carla e Liriana) não se concentrem mais unicamente na vida sentimental, em virtude de seu apego ao relacional, essas figuras transformam os relacionamentos na chave para a auto-realização e, conseqüentemente, continuam a decidir o rumo de suas vidas em função do fracasso ou sucesso de suas ligações afetivas. Por isso, “ao contrário da maioria dos homens, a maior parte das mulheres continua a identificar a sua inserção no mundo externo com o estabelecimento de ligações” (LIPOVETSKY, 2000, p. 32).

Além de conferirem uma importância crucial ao relacional, as mulheres necessitam “de participar numa atividade significativa” (FRANZ, 1990, p. 212), demonstrando uma certa predileção por aquela que lhes permite praticar sua aptidão de relacionar-se e cuidar do outro. Não é, pois, sem razão que elas escolhem profissões - Renée e Etelvina são professoras; Laure é secretária; Madeleine, freira; Carla, enfermeira; Ana Cristina (a amiga de Etelvina com quem João Herculano tem um rápido *affaire* enquanto trabalha no hotel algarvio) é médica; Liriana, assistente social - que se ajustam perfeitamente à natural habilidade feminina de cuidar do outro, transferindo os padrões comportamentais do âmbito privado para o público. É justamente essa espécie de compulsão maternal feminina que leva Carla e Etelvina a se apaixonarem por um homem-Peter Pan como João Herculano, que as faz ter vontade de abrirem-se no sentido literal e figurado para receber aquele imenso feto de volta.

Falamos anteriormente da vocação feminina para o amor. É precisamente em razão dessa aptidão que Irisalva, depois de revelar a Delfino que fora reprovada no teste de comissária de bordo da Panair, como não traz consigo qualquer outro projeto de vida, transforma a paixão em sua única razão de viver. É forçoso que o objeto desse amor desapareça, por meio da morte, para que ela recupere a alma que lhe fora roubada pelo objeto de sua paixão e tenha coragem de abandonar a casa dos pais, onde vivia com o irmão odioso, e de encetar um novo projeto de vida; de experimentar, pela primeira vez, o gosto de um “futuro incerto, pouco antes medonho” (Bs, p. 181); de tentar um possível dela mesma que jazia latente, por mais que a nova jornada lhe parecesse assustadora; de despertar, enfim, para si mesma e para o recomeço de uma nova vida em um lugar igualmente novo que lhe permitisse esquecer seu passado de sangue de amor e ódio e ter um encontro consigo mesma. O mesmo amor que inicialmente provoca a inércia e a suspensão de novos projetos individuais e leva ao enfraquecimento de seu sentido de identidade faz com que algo transite para ela, ou nela se desvende ao contato com Delfino, fazendo-a adquirir uma dimensão nova a partir de sua experiência amorosa e, conseqüentemente, transpor “seus complexos, a sua vida desfeita, a sua inadaptação enquistada” (Bs, p. 157), seus próprios limites.

Ou seja, como ocorre em *A gata borralheira*, o caminho da individuação libertadora é concedido à heroína de *Bastardos do sol* pelo amor.

Da mesma forma que Irisalva, a sobrevalorização do sentimento amoroso faz com que as demais figuras femininas coloquem em um segundo plano seus próprios projetos profissionais: Renée, Laure e Madeleine, embora tenham outros interesses na vida - já que a primeira é professora, a segunda, estenodatilógrafa e a terceira cultiva preocupações de caráter metafísico -, também transformam a afeição por Manuel no fulcro de suas existências e somente após a interrupção de suas relações com ele decidem colocar em vigor novos projetos, como se a dispersão das ilusões românticas permitisse a elas prosseguirem na busca daquilo pelo que ansiavam e que jamais poderia ser concretizado nem por um parceiro nem por quem quer que fosse diferente delas mesmas: Renée arranja uma colocação e vai para Lyon, onde se casa com um colega; Laure primeiro tenta matar-se, mas quatro dias depois, já restabelecida, retorna ao trabalho e dramaticamente comunica por carta a Manuel que se tinha curado dele e que preferira viver; Madeleine escolhe uma vida de união perpétua com Deus e ingressa na *Opus Dei*. Em *Desta água beberei*, Etelvina, professora primária e militante política, e Carla, enfermeira, igualmente consagram grande importância ao sentimento que nutrem por João Herculano. É também o amor que as faz mudar o curso de suas vidas: aquela prontamente abandona suas atividades na escola e na cooperativa alentejanas para viver intimamente com João em Almada, onde ele conseguira um emprego; esta decidindo casar-se com o noivo precisamente quando João já se encontrava trabalhando na Siderurgia Nacional e vivendo com Etelvina em Almada. Aliás, para Etelvina, o amor de João é suficiente para colorir a uma vida cheia de privações materiais. O mesmo pode ser observado em relação à Liriana que converte seu amor pelo namorado no elemento em torno do qual gira todo o presente e o futuro de sua vida, apesar de tencionar continuar trabalhando como assistente social, independentemente da futura posição de Artur nas empresas de Mayer-Ferreira. A operosidade de Liriana, indicada pelo desejo de continuar desempenhando suas atividades na área de Serviço Social, contrasta com a indolência de Artur, mais apegado ao dinheiro e ao conforto proporcionado por ele do que à idéia do trabalho como elemento auto-enaltecendor. Aliás, a maioria das figuras femininas que vimos analisando também se revelam mais laboriosas do que seus parceiros. Essa laboriosidade feminina deve-se ao fato de a mulher normalmente imprimir a todas as suas atividades “a marca de um certo exagero” (KEHL, 1996, p. 53), tal como o faz em relação ao amor. Ou seja, “o primado do amor, a exagerada pretensão à felicidade, a ‘má-formação’ superegógica, fazem da ‘capacidade de amar e trabalhar’ (...) da mulher algo muito diferente do que é no homem” (KEHL, 1996, p. 53).

Segundo Gilles Lipovetsky, a “assimetria dos investimentos, dos sonhos e das aspirações dos dois gêneros” em relação ao amor, deve-se ao fato de que se afirma “na mulher uma necessidade de amar mais constante, mais dependente, mais devoradora que no homem” (2000, p. 22). Para este, o amor representa uma forma de ganhar um poder sobre o objeto da sedução, de rivalizar com seus pares, de enriquecer-se e aumentar seu poder de existir, enquanto para aquela “o amor é renúncia, fim incondicional, ‘dom total de corpo e de alma’ ” (LIPOVETSKY, 2000, p. 22). Ou seja: “ ‘A mulher se dá, o homem aumenta-se dela’ ” (*apud* LIPOVETSKY, 2000, p. 22).

Com efeito, Irisalva, Etelvina e Liriana, “que, como toda mulher, têm no amor seu bem supremo” (KEHL, 1996, p. 94), demonstram uma capacidade de amar maior do que a de seus amantes, bem como um elevado talento para a devoção e o desvelo. Elas parecem ter consciência de que o dar-se ao outro é uma das condições necessárias à criação do compromisso e ao desenvolvimento de uma história compartilhada. Isso as torna mais dadas e abnegadas: a primeira imagina que, se Delfino não tivesse morrido, continuaria a seu lado mesmo depois da tragédia da castração; a segunda efetivamente renuncia às atividades exercidas na escola e na cooperativa alentejanas, espaços “aos quais ela pertencia” (*Dab*, p. 54), sujeita-se a encerrar o

soalho, a “despejar líquidos alheios” (*Dab*, p. 231) e a viver na penúria unicamente para ficar ao lado de João Herculano, invertendo o percurso de Cinderela que se liberta desse tipo de servidão ao trocar a casa da madrasta pelo palácio do príncipe (“E foi assim que a Gata Borralheira saiu da casa da madrasta e pela mão do emissário foi conduzida ao palácio do príncipe.” (PERRAULT, 1960, p. 76)); a terceira renuncia à própria dignidade e à estabilidade financeira e emocional, respectivamente, submetendo-se às fantasias sexuais de Eduardo Mayer-Ferreira e recusando-se a aceitar a proposta de casamento do rico escritor arogônês Luís Escobar, tudo por amor a Artur.

Também merece atenção o fato de que Renée, Etelvina, Carla e Liriana relacionam casamento a algum tipo de sujeição moral e/ou material seja da mulher ao homem, seja deste àquela, seja recíproca: a primeira o faz quando, ao expor a Manuel os motivos pelos quais se distanciou dele, acusa-o de recusar-se a aceitar “todas as sujeições” (*Ep*, p. 126); a segunda o faz concretamente quando coloca às avessas o percurso de Cinderela sujeitando-se a encerrar o soalho da casa em que mora com João e quando, ao pensar nas dificuldades cotidianas da coabitação, faz uso da expressão “despejar líquidos alheios”, equiparando-se aos criados que, na Europa medieval e no Brasil colonial, eram responsáveis pelo despejo dos dejetos de seus amos nas vias públicas ou nos rios e mares, já que, à época, as cidades não dispunham de saneamento básico; a terceira, quando emprega os vocábulos “sacrifício” e “servidão” e a expressão “mútuo sacrifício”, na carta que envia a João Herculano uma semana antes de casar-se com o noivo, para designar a legitimação religiosa e civil de sua ligação afetiva com Juvenal Alfredo. No entanto, diversamente de Etelvina, Carla, devido ao seu autoproclamado racionalismo e bom costume de analisar permanentemente a própria consciência, estabelece relações entre casamento e “servidão” *a priori*, enquanto Etelvina – muito “rebelde em discussões intelectuais” (*Dab*, p. 27), porém mais visceral do que cerebrina nos assuntos do coração – só *a posteriori* descobre as dificuldades de viver cotidianamente ao lado daquele que ama. Liriana igualmente avizinha casamento de sujeição quando, ao final do segundo capítulo do romance, emprega as palavras “regras” e “compromissos” no momento em que tenta persuadir o namorado de que não havia razão para continuarem vivendo em casas separadas.

Segundo Lipovetsky, a experiência amorosa é indubitavelmente “acompanhada de ‘servidão’, por vezes de extrema dependência em relação ao outro, mas, ao mesmo tempo, encarna por excelência a paixão individualista pela ‘verdadeira vida’, pelo livre desenvolvimento das inclinações e dos desejos pessoais” (LIPOVETSKY, 2000, p. 49). O paradoxo reside no fato de que essa servidão é voluntária, é um ato de liberdade. Jean Baudrillard interpreta essa auto-servidão voluntária como “uma violência consentida: uma liberdade de querer, mas não a vontade de ser livre” (2002, p. 66). Octávio Paz também identifica no amor a contradição do “querer estar preso por vontade” (CAMÕES, 1997, p. 123) de que nos fala Camões, já que esse sentimento é constituído de um “conjunto de condições e qualidades antitéticas que” o distinguem “das outras paixões: atração/escolha, liberdade/submissão, fidelidade/traição, alma/corpo” (PAZ, 1994, p. 94).

É precisamente essa negação voluntária da própria soberania que identificamos no comportamento das personagens analisadas neste artigo: se, por um lado, a servidão declarada por essas figuras femininas mantém-se fiel tanto às características inerentes ao amor quanto à tradição passional do feminino, por outro, ela não é mais enunciada “como contraditória com o ser-sujeito, mas como compatível com os valores modernos de soberania individual” (LIPOVETSKY, 2000, p. 33). Ou seja, a sujeição da mulher ao homem “expressa pela demanda amorosa feminina já não é sofrida naturalmente, mas desejada psicologicamente” (LIPOVETSKY, 2000, p. 33) e conscientemente escolhida, como prova a felicidade experimentada por Etelvina ao cabo das reflexões sobre as dificuldades da coabitação (“Etelvina espreguiça-se no intervalo da dúvida, feliz” (*Dab*, p. 231)).

A sobrevalorização feminina do amor, somada à permanência do ideal romântico do príncipe encantado dos contos infantis, também dá às heroínas mais coragem para assumir tanto o

comprometimento amoroso quanto os riscos que dele podem advir, já que, tal como a relação entre os sexos se apresenta em nossa cultura, no casamento (com ou sem legitimação civil e/ou religiosa), a mulher “na maioria das vezes envolve a totalidade de seus interesses e de sua energia; (...) compromete sua personalidade, centro e periferia, integralmente, enquanto o homem casado (...) vê os costumes concederem-lhe uma liberdade de movimento muito maior” (SIMMEL, 2001, p. 61). No entanto, nada disso é suficiente para fazê-las abdicar do anseio de viver junto do homem amado: na primeira noite de amor com João Herculano, Etelvina admite que, apesar de tudo, não crê “que se tenha descoberto melhor” (*Dab*, p. 28) maneira de se viver intimamente com quem se ama do que a coabitação; na carta que lhe envia de Moura (imediatamente após o regresso dele a Lisboa), ela afirma que “é preciso arriscar, jogar tudo numa carta” (*Dab*, p. 34) ainda que se tenha de pagar caro quando se perde o jogo do amor, jogo esse “que ninguém tem certeza de ganhar por ser dependente da liberdade do outro” (PAZ, 1994, p. 113). Ao dizer-lhe que é preciso expor-se ao bom ou mau sucesso de um relacionamento, ela demonstra desde logo predisposição a aceitar todas as dificuldades que provêm do habitar em comum.

Da mesma forma que Etelvina, Liriana mostra-se inteiramente disposta a assumir os riscos da coabitação e tenta persuadir Artur de que o fracasso de seu primeiro casamento não se vai repetir; de que a rotina não representa uma ameaça ao relacionamento de ambos e de que o sucesso do morar em comum consiste unicamente em “aprender a viver” (*Ndqs*, p. 25-26).

Diante da reação de Artur, Liriana age como uma criança que se reprime para não perder o objeto amado (“Mas eu não protesto, não brigo com ele, afinal tenho medo de o perder, de perder o que ele me quer ou pode dar, esta ternura fácil” (*Ndqs*, p. 22)), exatamente como Irisalva que em nenhum momento tenta forçar Delfino a uma decisão para não perdê-lo. A coragem que Etelvina e Liriana têm de seguir o coração e assumir o compromisso amoroso, ainda que isso lhes custe algum sacrifício, revela que ambas estão prontas para viver um relacionamento mais desafiador, para “emergir de um mundo de fantasia para um mundo em que o amor duradouro é possível” (ESTÉS, 1994, p. 180), ao passo que seus parceiros, especialmente Artur, ainda se encontram muito presos ao próprio ego, à satisfação dos próprios desejos, ao medo do envolvimento amoroso e das pressões do relacionamento, ou seja, “estão pouco disponíveis para o que de heróico e arriscado existe no amor” (ALBERONI, 1988, p. 45). A importância que ambas atribuem ao viver junto (com vínculos legais ou não) revela dois importantes aspectos: primeiro, que elas já transcenderam o ego e, em consequência, não temem assumir a responsabilidade de seu desejo por intimidade; segundo, que elas continuam vendo nesse estilo de vida o espaço da realização afetiva e a forma mais perfeita de viver com aqueles que amam (“(...) não creio que se tenha descoberto melhor” (*Dab*, p. 28)), desde que haja, como afirma Liriana, maturidade para “aprender a viver” (*Ndqs*, p. 25-26). A valorização desse modo de vida também se deve ao fato de que a coabitação pressupõe a existência de um vínculo amoroso com duração e apoio mútuo (afetivo e financeiro) e uma expectativa de fidelidade recíproca, indo ao encontro do trinômio reciprocidade-estabilidade-exclusividade constitutivo do amor dos contos infantis, tão desejado e perseguido pelas mulheres-Cinderela, e do amor romântico que sempre vinculou amor e casamento.

Já vimos que a conquista da igualdade de direitos não fez desaparecer nem a vocação da mulher para o amor, nem o ideal romântico feminino da reciprocidade, fidelidade, segurança e do príncipe encantado. Isso quer dizer que a revolução sexual, iniciada nos anos 60, aumentou “as exigências femininas de posse de si como sujeito social”, isto é, como sujeito profissional, familiar e sexual, mas não diminuiu “a demanda passional feminina, a qual significa, nesse plano, certo desejo de desapropriação de si” (LIPOVETSKY, 2000, p. 32) cujo correlato é, a nosso ver, o desejo de apropriação do outro, favorecido pelo sonho amoroso feminino de ter o amado continuamente ao pé da amada, como nos revelam as cantigas trovadorescas, e de “manejar o desejo masculino, mesmo sem nomeá-lo” KEHL, 1996, p. 77).



Nos romances em análise, o desejo de apropriação do outro se patenteia no exacerbado sentimento de posse e no ciúme das personagens femininas, especialmente Irisalva e Liriana que vêm na liberdade/disponibilidade e na prima de Delfino e nas amigas e mulheres que se aproximam de Artur suas maiores rivais. Em sua *Filosofia do amor*, Georg Simmel afirma que “a posse gera o amor da posse” (SIMMEL, 2001, 39). Poderíamos acrescentar a esse aforismo que não só a posse acentua a possessividade, mas também a entrega do próprio corpo e alma ao amante faz aparecer, naquelas que se dão, o desejo de possuir aquele que usufrui do benefício dessa entrega, ainda que, como sabemos, a posse desse beneficiário seja totalmente ilusória (quando mais não fosse por ser ela impossível). A possessividade de Irisalva e Liriana, além de revelar a “idéia equivocada de que a comunhão sexual entre dois seres é suficiente para estender o direito de propriedade sobre o ser moral da pessoa amada” (KOLONTAI, 2003, p. 61), reflete a vontade de preencherem, pela posse do homem amado, a angústia de fragmentação e despedaçamento que as domina desde que perderam uma parte de si mesmas ao entregarem seus corpos e suas almas aos respectivos amantes.

Relativamente à vontade de desapossamento de si, promovida pela necessidade passional feminina, Lipovsky afirma que a mulher é milenarmente definida “como o gênero que não se pertence, aquele cujo desapossamento subjetivo é de essência, em razão da alteridade de um corpo atravessado pelas forças não controláveis da reprodução” (LIPOVETSKY, 2000, p. 33). Não é, pois, sem razão que Liriana, a única grávida dentre as figuras femininas analisadas neste artigo, é capaz da maior das renúncias quando, abdicando da posse de si mesma, deixa-se escravizar sexualmente por Mayer-Ferreira a pedido de Artur, na esperança de que este reconhecesse seu sacrifício e finalmente aceitasse coabitar com ela, colocando-a “no centro de segurança social a que [ela] concorreu” (*Ndqs*, p. 212). Aceitando sujeitar-se às perversões sexuais do empresário por trinta e seis horas, ela demonstra estar excessivamente disposta a sacrificar sua auto-estima em troca de uma segurança que, eventualmente, seja ilusória.

No entanto, segundo Lipovsky, devemos relacionar a adesão feminina ao amor menos ao “desejo de ‘anulação de si’ e de ‘total demissão em benefício de um senhor’ ” e mais ao anseio de reconhecimento e “valorização de si como pessoa individual” e “insubstituível” (LIPOVETSKY, 2000, p. 46-47) que remonta à época do amor cortês, quando esse sentimento teve como consequência: primeiro, a subversão da cultura medieval que recusava “qualquer celebração da mulher, sendo esta identificada a uma armadilha do Maligno” (LIPOVETSKY, 2000, p. 112); segundo, a transformação da mulher em soberana do homem; terceiro, a possibilidade de fazê-la beneficiar-se “de uma imagem social mais positiva, ganhar margens de liberdade e de novos poderes na comunicação galante e, mais tarde, na própria escolha do cônjuge” (LIPOVETSKY, 2000, p. 46). Além disso, o amor cortês também “baniu as formas de brutalidade e de impulsividade viris, prescreveu a exaltação poética da amada, assim como atitudes masculinas mais refinadas, mais respeitadas com as mulheres” (LIPOVETSKY, 2000, p. 46). Octavio Paz também assinala tanto a elevação da mulher promovida pelo amor cortês quanto a continuidade da tradição fundada pela poesia provençal. Em vista disso, desde a época do *fin’amors*, as mulheres passaram a supervalorizar o amor não só “porque ele implica um reconhecimento de seu direito a exercer certa dominação sobre os homens”, mas também porque “preconiza comportamentos masculinos que levam mais em consideração a sensibilidade, a inteligência e a livre decisão das mulheres” (LIPOVETSKY, 2000, p. 46).

Ou seja, “a história do amor é inseparável da história da liberdade da mulher” (PAZ, 1994, p. 73) e a sobrevalorização feminina do amor sobrevive à marcha inexorável da revolução sexual, iniciada nos anos 60-70, não só devido a uma socialização dominada por normas sócio-históricas e psicológicas que sempre conferiram ao sentimento amoroso e ao relacional um lugar mais do que privilegiado – daí a busca contínua do homem-príncipe e do trinômio exclusividade-reciprocidade-

estabilidade constitutivos do ideal arcaico e romântico dos contos infantis -, mas também em razão da adequação desse superinvestimento afetivo “às aspirações de liberdade e de realização íntima” (LIPOVETSKY, 2000, p. 49) da mulher. Por isso, a permanência do apego feminino ao amor, patente no modo como Irisalva, Renée/Laure/Madeleine, Etelvina/Carla e Liriana se comportam em relação a seus respectivos amantes, não deve ser interpretado como um sobejo anacrônico condenado a desaparecer sob o peso da dinâmica igualitária, mas como “uma lógica assimétrica” que, segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky, sobreviverá justamente porque permite às mulheres “escapar ao deserto do si entregue apenas a si” (2000, p. 50).

### **Referências Bibliográficas**

- ALBERONI, Francesco. **O erotismo**. Tradução: Élia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- BAUDRILLARD, Jean. **A troca impossível**. Tradução: Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CAMÕES, Luís de. **Lírica**. Seleção, prefácio e notas: Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fada: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Tradução: Maurett Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução: Vera da Costa e Silva *et alii*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. Tradução: Maria Elci Spaccaquerche. São Paulo: Paulus, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian. **Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento**. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- PAZ, Noemí. **Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PERRAULT, Charles. **Contos de fadas**. Tradução e adaptação: Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. **Bastardos do sol**. Amadora: Livraria Bertrand, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Desta água beberei**. Mem Martins: Europa-América, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Exílio perturbado**. Amadora: Livraria Bertrand, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Nunca diremos quem sois**. Mem Martins: Europa-América, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O mito de Don Juan e outros ensaios**. Cacém: Edições Ró, 1981.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

